

GUTERRES, TIAGO DA COSTA. HERÓDOTO DE HALICARNASSO AUTORIA E ESCRITA DA HISTÓRIA. CURITIBA: PRISMAS, 2017. 176 P. ISBN: 978-85-5507-670-1.

Denis Renan Correa¹

Palavras-chaves

Heródoto; História; autoria.

Tiago da Costa Guterres apresenta contribuição relevante para um dos aspectos centrais da obra herodotiana, a saber, a manifestação autoral enquanto característica marcante da historiografia antiga. O livro é a versão corrigida e ampliada da dissertação de mestrado em História defendida por Guterres em 2012 pela UFRGS. Tais correções são relevantes na medida em que no mesmo ano de publicação deste livro Guterres também defendeu tese de doutorado abordando o tema do registro autoral herodotiano, mas com enfoque diferente, pois a tese doutoral aborda com maior profundidade a busca que o autor tem por posteridade, enquanto no presente livro resenhado a abordagem enfoca antes a distinção que Heródoto tenta estabelecer entre sua presença autoral e outras no interior de uma tradição pré-existente, especialmente a poesia. Apesar da meia promessa de diminuição das notas explicativas, de forma a evitar a fuga do leitor leigo, as notas ainda estão bem numerosas e extensas. Ciente do rigoroso jargão acadêmico, Guterres opta por manter algumas explicações sobre termos como “tradição clássica” ou “lugar de produção”, que numa publicação editorial poderiam ser suprimidas, ou ao menos encurtadas, pois seu significado prosaico é claro a um leitor leigo, longe dos olhares escrutinadores dos avaliadores acadêmicos. No entanto, isto pouco prejudica a fruição da leitura, pois a prosa fluente e bem escrita nos acompanha o tempo todo nesta incursão pelas *Histórias* de Heródoto. Guterres tem estabelecido carreira sólida neste tema fundamental não apenas para a História Antiga, mas para a História da Historiografia, devido a interface competente e atualizada que o autor mantém com os estudos sobre história intelectual e autoria.

A introdução esboça o cenário intelectual no qual o livro se insere: a ideia foucaultiana de uma *função-autor* balançou a pedra angular da autoria enquanto elemento basilar de toda uma concepção de tradição literária e conhecimento humano. Concomitantemente a uma breve discussão de vários

¹ Professor Doutor – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cruz das Almas, Brasil. E-mail: tecnocaos@gmail.com

autores modernos que abordaram a questão, Guterres chama atenção à emergência da noção de individualidade no pensamento grego a partir do termo *sphragis*, que em grego antigo designava o selo ou assinatura autoral no qual se registrava o nome do indivíduo que elabora uma pintura artística, um poema, ou uma pesquisa histórica. Dentre as referências bibliográficas mencionadas por ele destaque duas contribuições marcantes no restante do livro. Primeiro, a do sueco Jesper Svenbro (1984) na obra *La Parola e il Marmo: Alle origini della poetica greca* que estabeleceu a conexão entre a *sphragis* epigráfica, poética e histórica, pois ao nomear-se na terceira pessoa (“Heródoto de Halicarnasso apresenta sua história...”) e depois deslizar para a primeira pessoa, o historiador antigo oferece uma conotação monumental à obra que, tal qual a inscrição epigráfica, deve perdurar no tempo. Se a questão da posteridade ficará para estudos posteriores, neste livro Guterres abordará a tensão entre a manifestação autoral em primeira e terceira pessoa, tanto nesta primeira linha no qual o autor fala de si na terceira pessoa, como no estabelecimento de outros “eles” através do qual o autor Heródoto tenta delinear-se pelo contraste ou desvio que estabelece no interior da tradição literária com que dialoga. Daí destaque a contribuição fulcral dos estudos sobre enunciação de Émile Benveniste (1976) em *Problemas de Linguística Geral*, que já havia influenciado muito François Hartog (1999) em *O Espelho de Heródoto*, e que neste livro terá novo fôlego a partir da contribuição de Guterres.

O primeiro capítulo do livro “A escrita da História: sobre a questão da autoria nas *Histórias*” faz um duplo movimento de contextualização do objeto da pesquisa: de um lado, um sucinto relato da recepção da obra de Heródoto ao longo do tempo com foco na sua presença autoral, especialmente na concepção foucaultiana que os autores são responsabilizados pelo que escrevem, assim aconteceu com o “Pai da História”. Por outro lado, Guterres faz uma contextualização bibliográfica sobre as principais contribuições sobre a questão anterior ao seu próprio livro, no que talvez ele se alongue demais ao apresentar como a chamada “Escola de Paris” liderada por Jean-Pierre Vernant, que devido suas preocupações estruturalistas ignorou a questão da autoria ou mesmo a questão do “eu” como um todo no pensamento grego. No entanto, o tema da autoria em Heródoto não permaneceu inexplorado com a chegada ao cenário dos autores mencionados acima, bem como outros, que partindo da mesma base abordaram a multiplicidade de vozes que compõem as formas de enunciação na obra.

No segundo capítulo, “Ser autor na Grécia Antiga: da poesia inspirada ao desvio herodotiano”, o cerne da proposta se forma: Heródoto defrontou-se no interior de uma tradição na qual o papel da individualidade, representada pela noção de *sphragis*, se acentua. Para tanto, Guterres aborda as manifestações autorais em poetas Gregos como Hesíodo, Safo e Píndaro, numa parte do

livro que deixa lacunas que certamente o autor pode explorar em trabalhos futuros. No que tange a sua tese principal, Guterres demonstra a gradativa evolução da *sphragis* enquanto manifestação autoral, inicialmente ainda ligada ao canto inspirado pelas Musas que marca a concepção de autoria poética da época, até a chegada de Heródoto enquanto narrador intrusivo que se manifesta constantemente no seu texto através das marcas de enunciação que distingue várias vozes, além a sua própria, enquanto diferentes fontes que o investigador escuta, avalia e julga. Estabelecida esta ideia de que Heródoto marca um desvio em relação a tradição poética tanto na sua concepção epistemológica, uma vez que a investigação histórica procura substituir a inspiração divina, quanto na sua manifestação autoral que se distingue dos poetas enquanto forma de narrativa.

Estabelecidas a premissa de que Heródoto tem uma acentuada manifestação autoral que representa um desvio em relação ao registro autoral poético, Guterres dedica-se no terceiro capítulo, “Heródoto e os poetas ou a construção do autor nas *Histórias*”, à representação dos autores poéticos no enredo de Heródoto. A manifestação autoral não se limita à *sphragis* e aos enunciados em primeira pessoa no qual Heródoto atua enquanto narrador intrusivo, mas também no contraste que ele estabelece com os “outros”, com o enunciado da terceira pessoa, frequentemente crítico, com autores diversos, dos quais se destacam o seu antecessor Hecateu, caracterizado como logógrafo, e vários poetas mencionados por Heródoto seja para criticar ou reforçar seus argumentos durante o texto. Guterres analisa a presença, além de Hecateu, de Homero, Hesíodo, Arquíloco, Arístes, Ésquilo, Píndaro e Sólon. O exame destas menções a poetas nas *Histórias* contribui na nossa percepção deste contraste que Heródoto estabelece com outros autores no interior da tradição, logógrafos ou poetas, sob o signo da alteridade, ou seja, aquilo que “eles” afirmam em contraste com o “eu” do autor. Isto, no entanto, não anula o fato que Heródoto por vezes mobilizará outro autor em favor próprio, mas neste jogo de identificação e oposição Guterres exporá como a formação autoral no texto é marcada pela ideia de rivalidade com outros autores. Mesmo quando menciona positivamente, Heródoto não deixa de se distinguir por ignorar solenemente versões poéticas, como a de Píndaro e de Ésquilo, sobre as guerras médicas, num claro sinal de alteridade e distanciamento.

Esta resenha não pode terminar sem a lembrança do fundamento que o registro autoral de Heródoto representa no interior da tradição historiográfica moderna. Ainda que distinta da historiografia antiga, a história que hoje praticamos, no interior de seus vários debates e crises de identidade, possui como patrono gregos antigos, especialmente Heródoto e Tucídides. A contribuição de Guterres é interessante para lembrarmos que a noção de autoria, ou em especial o desvio que faz do historiador um narrador que

enuncia numa primeira pessoa (singular e pessoal ou plural e acadêmica) uma investigação de múltiplas vozes (ou fontes) que precisam ser avaliadas e julgadas em seus aspectos técnicos e éticos. Num mundo assombrado pela “pós-verdade”, um problema não tão estranho aos antigos, a explicitação do papel da (autor)idade é fundamental para reencontrarmos o(s) sentido(s) da narrativa histórica.